

A Oração de Francisco de Assis



*Uma proposta
de reforma
íntima*

Roberto Nogueira

A ORAÇÃO DE FRANCISCO DE ASSIS

Uma Proposta de Reforma Íntima

Roberto Nogueira

A oração de Francisco de Assis está dividida em três partes. Na primeira parte ele faz alusão ao caminho da ação – um caminho tão necessário àquele que está comprometido com o seu progresso e expansão da consciência. Nesta parte da oração, ele evoca nove ações de austeridade, de esforço contínuo e disciplina a serem praticadas e trabalhadas internamente: a paz, o amor, o perdão, a união, a fé, a verdade, a esperança, a alegria e a luz.



A oração começa falando de paz porque ela significa a entrega total ao desígnios divinos. Quando paramos de controlar ou tentar controlar, manipulando e possuindo coisas, situações e pessoas, para alcançarmos algo, quer seja material ou espiritual, e passamos a entregar tudo ao Poder Divino, então advém a paz e serenidade. Para tal, faz-se necessário a sabedoria que é o estado mental que nos envolvemos ao admitir que “seja feita a vontade do Pai”. Por isso, fazei-me instrumento de Vossa paz e sabedoria. Este primeiro verso da oração nos convida a pôr em prática os ensinamentos do segundo raio cósmico. Este raio vibra o amarelo-ouro e as qualidades do estudo e percepção, da pedagogia, da prudência, da intuição e iluminação, além da paz e sabedoria.

Em seguida, a oração recomenda o exercício do amor. Mas, como exercitar o amor? Eliminando o ódio. Quando extirpamos o ódio de dentro de nós, passamos a irradiar o amor e podemos leva-lo para todos que estejam contaminados com o ódio e, assim, neutralizá-lo, amando ao próximo como a si mesmo. Desta forma, onde houver ódio que possa levar o amor. Este verso nos chama para aprender as lições do terceiro raio cósmico, que nos ensina, através do rosa, o amor e fraternidade, a tolerância e harmonia, o magnetismo e atração, o relacionamento e diplomacia.

No verso seguinte, faz-se uma referência ao ato de perdoar. O perdão é uma virtude a ser desenvolvida em nosso Ser. Só cultivamos e expandimos o perdão quando compreendemos que não é o outro que nos ofende, e sim, que nós é que nos deixamos ser ofendidos, quando estamos focados em nosso ego. Desta forma, podemos ensinar o próximo a também desenvolver o perdão. O perdão cresce na medida que minguamos o ego. Perdoar é uma das lições do sétimo raio cósmico. Sua cor é o violeta. Dentre outros ensinamentos que se coadunam ao perdão no sétimo raio estão: misericórdia, libertação, transmutação e purificação.

O próximo passo da oração nos convoca a praticar a união. Nesta proposição, a primeira união a ser refeita é aquela que convida o nosso eu menor, composto de inúmeras defesas e sectarismo, a se diluir no Eu Maior eterno e glorificado. A discórdia existente

entre a vontade pessoal e a vontade divina nos tira a luz da razão e passamos a enxergar o mundo cindido, violado e contraditório. Como refazer a união no mundo se ainda hão conflitos dentro de nós? Quando unimos nossas forças internas com o Poder Divino, numa irrestrita entrega a Ele, naturalmente ganhamos capacidade de refazer a união àquele que está pronto para a mudança. A união é uma característica que está em sintonia com o vermelho-rubi do sexto raio cósmico. Neste raio trabalha-se também a caridade, o sacrifício e a devoção para o recebimento da graça.



Agora, Mestre Francisco nos indica que se nutra com a fé. A fé é como uma plantinha que deve ser cuidada diariamente com o adubo da certeza que irradia de nosso coração. Não devemos nos deixar influenciar pela mente inferior, ajustada aos nossos cinco sentidos grosseiros, pois ela é dual e sempre está em dúvida. Devemos nos guiar pelo coração, que está em conexão com a mente superior e ajustada ao Propósito Divino. Portanto, alimentar o coração significa nutrir a fé e sem esta não se caminha, porque milhares de alternativas se abrem à nossa frente, assim como olhar em um caleidoscópio. O primeiro raio cósmico é aquele que trabalha, através do azul-real a fé, bem como a vontade, o poder, a ordem, a obediência, a determinação e o progresso.

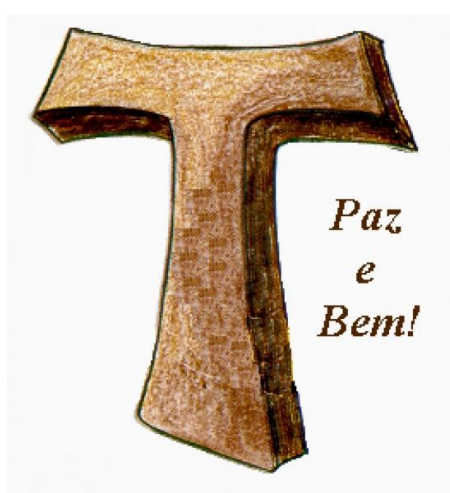
No próximo verso, nos é recomendado o exercício da verdade para neutralizar os efeitos de nossos erros. Ninguém erra propositadamente por mais indicativo que tal atitude nos pareça. Erramos por pura ignorância. Precisamos não só conhecer a verdade, mas incorporá-la em nossas entranhas para que o hábito ignorante dos erros sejam superados e anulados. Somente através do conhecimento da verdade é que podemos eliminar nossos erros. Desta forma, e somente assim, é que podemos ajudar nossos irmãos de caminhada a restringir seus erros, ou mesmo findá-los, pois adquirimos maturidade para levar a atitude, a palavra, o gesto, enfim, o conhecimento da verdade. Esta virtude pertence ao quinto raio cósmico (verde), onde também desenvolvemos o poder da cura, a ciência, a concentração e dedicação.

No verso seguinte, nos é proposto praticar a virtude da esperança, renovando-a primeiramente em nós, para depois, em extensão, renová-la naqueles que se encontram em desespero. A esperança é uma virtude que deve estar sempre na base de qualquer ser humano, porque ela é carregada de otimismo, pureza de alma e força ascensional, e nos faz olhar para os obstáculos da vida positivamente, criando uma esfera psíquica adequada para que assimilemos maturidade espiritual. A aflição e o desespero são comuns naqueles que não têm a vida fundamentada na espiritualidade. Ao devotarmos nossas ideias e intenções ao plano divino, nós renovamos a esperança, porque é o mundo superior quem age. Desta forma, podemos levar esta mensagem de renovação

a todos os seres. A esperança, a pureza, a força ascensional e da ressurreição são lições que adquirimos no quarto raio cósmico, onde nos permeamos com a luz branca cristal.

A próxima virtude a ser praticada é a alegria. A única forma de acabar com a tristeza é praticar o contentamento. A tristeza deforma a aura, criando lacunas, desvitalizando o ser e corroendo o coração; enquanto a alegria nos fortalece a aura, deixando-a radiante e luminosa. Quando cultivamos a alegria em nosso interior, nosso coração se torna um emissor de luz e entusiasmo – tudo parece bom e belo, e enfrentamos a vida com mais amor e dedicação. Sendo assim, onde quer que estejamos, irradiaremos alegria, luz, entusiasmo e dedicação ao propósito divino. Todas essas virtudes são próprias do raio pêssego (laranja amarelado), característica do décimo primeiro raio cósmico.

A última ação recomendada por Mestre Francisco a ser exercitada por nós é mostrar o caminho da luz para aqueles que estão atormentados pela escuridão. Para isto, precisamos reconhecer a luz, ser luz e viver a luz. As trevas representam um estado interno de ser, e não há quem possa acabar com tal condição, a não ser a própria pessoa. Mas, podemos pelo exemplo e simples presença, indicar o caminho da luz para a alma trevosa. E como reconhecemos e vivemos a luz? Basta que mudemos a sintonia, passando do estado de carência para o de plenitude, ou seja, retirando o foco do ego que sempre está em falta e, por isso, sempre quer mais, e mantendo a completa atenção no Eu Maior, que é pleno de amor, fé, esperança, alegria e luz. Essas virtudes são trabalhadas no décimo segundo raio cósmico da mais pura luz opalina, onde também se pratica a síntese, a perfeição, enfim, a transcendência.



A segunda parte da oração nos convida a um serviço devocional. Ela começa pedindo ao Supremo para que nos dê capacidade para, cada vez mais, ajudar o próximo, exercitando a compaixão que, por sua vez, é formada por três pilares: o consolo, a compreensão e o amor incondicional. O movimento de irmos ao encontro das necessidades, frustrações e carências de nossos irmãos é a essência do serviço devocional. Somente desta forma é que demonstramos o quanto devotamos a Deus – em que medida há uma entrega a esta Força Superior. A devoção é um movimento para Deus, com Deus e de Deus! Pedir para fazer mais pelos

outros e menos por nós mesmos é uma maneira de calar o ego e de nos vincular fortemente ao Propósito Divino, quebrando nossos vícios e crenças egocêntricas.

Pedimos, assim, que consolemos mais do que sejamos consolados. Consolar é um ato de se abrir os braços e acolher aqueles que se sentem necessitados. Consolar mais do que ser consolado demonstra maturidade espiritual, que está fundamentada na fé e esperança, na alegria e no caminho onde somente se vê a luz. A imaturidade é uma característica daquele que não reconhece a plenitude que abriga em seu Ser, e por isso, a cada novo desafio, lamenta, desconfia, se desespera e se entristece, sem enxergar a luz de seu coração. Portanto, num ato de devoção, procuremos pôr em prática as ações

requisitadas, acolhendo, consolando e serenando o próximo em seus momentos de dúvidas, desespero, tristeza e trevas. Assim, estaremos consolidando em nós as qualidades do décimo raio cósmico de cor dourada solar.

Em seguida, que compreendamos mais do que sejamos compreendidos. Que nosso intelecto se ilumine e ganhe capacidade de discernir e de perceber o sutil que cada atitude carrega em si. Que possamos nos esforçar em compreender, no outro, seus gestos, palavras e ideias, pois ali se espelham as nossas limitações. Devemos entender que somos seres plenos e ilimitados – somos a Luz Divina – e que, pela prática da conduta de compreender mais, nos desgarramos do ego defensivo, limitante e sectário. A noção de que somos seres limitados, e que por isso necessitamos que o outro nos compreenda, vem da identificação com o ego. Procuremos compreender as atitudes do outro que estão marcadas pelo ódio, pelas ofensas, discórdias e erros, exercitando o amor, o perdão, a união e a verdade. Ao nos devotarmos cada vez mais à compreensão do outro, quebramos essa cadeia de hábitos viciosos, onde ficamos a todo momento chamando a atenção para nós próprios. Ao compreender o outro, estamos a exercitar a compreensão de nós mesmos. A capacidade de compreender é a nota fundamental do oitavo raio cósmico e sua cor é o azul translúcido de água-marinha.

O terceiro e último serviço devocional é a manifestação do amor ilimitado, irrestrito e incondicional ao Criador e toda a Sua criação. Soltar as defesas do ego e amar ao próximo como a si mesmo é plenamente libertador. Amar ao próximo, a todas as criaturas e a toda a natureza, num profundo serviço devocional a Deus, enxergando o Criador em tudo é revolucionário! Quantas e quantas vezes agimos e ficamos a chamar a atenção dos outros pelos nossos feitos, alimentando, desta forma, o nosso orgulho, nossa vaidade, enfim, nosso ego. Tiramos, assim, a percepção do todo, que é a Suprema Força, e nos separamos, nos embrutecemos e perdemos a simplicidade da vida tão bem expressa nos pássaros e flores do campo. Amar cada vez mais do que ser amado é fundir-se no Oceano Cósmico. Amar a Deus, a vida e toda a criação nos fortalece o amor interno, porque nos tornamos completamente integrados a Ele. Este é o exercício do nono raio cósmico de cor lilás magenta: o amor incondicional, pleno e compassivo.

Finalmente, em sua última parte, a oração de Mestre Francisco nos dá o conhecimento das quatro leis cósmicas para alcançarmos a plenitude da vida ou o estado beatífico: a generosidade, a atenção plena, a equanimidade e o desapego. O estudo e entendimento dessas quatro abordagens nos dá o poder do conhecimento, que acoplado à entrega devocional e o esforço de um trabalho contínuo e disciplinado nos leva ao estado pleno de felicidade – a sabedoria.

A lei “é dando que se recebe” nos mostra o quanto é importante a generosidade. Ela não é demonstrada apenas nas questões materiais; pode-se demonstrar generosidade por um sorriso, um olhar amável, um aperto de mão caloroso, ou acariciando uma Alma inexperiente como sinal de coragem, expressando afeição. Mas, a mais nobre forma de generosidade é o oferecimento de nossos atos e de nossos ofícios ao Supremo Criador. Quando assim procedemos, abrimos o canal da Graça Divina e recebemos as oportunidades necessárias ao nosso crescimento. É generoso ser grato a tudo que nos é enviado, porque vem de Deus. É generoso desejar sempre o bem para todos, porque todos os seres são chispas de luz divina.

Quando mantemos a concentração, ou seja, o foco de nossa atenção no Senhor acabamos por nos esquecer, inebriados pelo regozijo em Deus. Tudo que temos a fazer, para que despertemos o estado de plena felicidade é nos mantermos concentrados no ardente encontro com o Supremo. Para isto, precisamos ver e sentir Deus em tudo: no calor do Sol, no frescor da água, no alicerce da terra, no alento do ar, no abrigo das árvores, no perfume das flores, no canto dos pássaros, no sorriso de uma criança, na dor de quem sofre, enfim, na vida que nos rodeia. Afinal, manter a atenção plena no Criador nos retira a identificação com o ego.

A terceira lei nos ensina a olharmos para a vida de forma que tudo tenha um propósito de nos impulsionar para a luz, mesmo que não reconheçamos essa didática divina. Não há bem nem mal, mas experiências que nos levarão à plenitude do Ser. Quando assimilamos este processo, passamos a absorver, tanto as nossas atitudes como as do outro, de modo natural. O ego retorna ao seu ponto original ou virginal dentro do Eu Supremo, que é Deus. Desta maneira, advém o perdão, e com ele um campo de infinitas possibilidades se abre. Pois, reconciliamos com tudo e com todos, principalmente conosco. O olhar equânime da vida nos tira o peso da culpa, tanto sobre os nossos ombros quanto dos ombros de outrem.

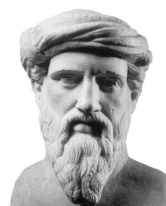
O último ensinamento é sobre o desapego. Com esta lei nós iniciamos a nossa jornada de retorno à Casa Paterna e com ela terminamos. Graças ao desapego nos permitimos



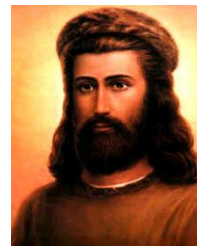
soltar as inúmeras facetas do ego, que a princípio nos remete a uma quase autêntica morte, mas com o crescente despertar percebemos quão efêmero é nos agarrarmos a este algoz personagem da mente. Quanto mais transformo o ego, me desidentificando de suas máscaras, estes personagens que vivem em mim, mais me aproximo da Essência Divina que sou, mais reconheço a transitoriedade dos mundos, a imortalidade da vida e, enfim, a plenitude do Ser.

Há alguns anos, em uma meditação de Lua Cheia, na Grande Hora Cósmica (3 horas da manhã), me foi explicado o propósito desta oração e sua conexão com os doze raios cósmicos, além de um método de caráter educativo e transformador para se viver a divindade, através do tríptico caminho: da ação, da devoção e do conhecimento.

Esta oração é uma ampliação da tradicional oração de São Francisco de Assis. Em vidas anteriores ele foi Pitágoras e João Evangelista. Em sua última encarnação, no século XIX (a que ascensionou) foi um monge da região de Kashmir. Segundo o que me foi relatado na canalização, foi quando então transmitiu a um discípulo a oração original, que passou a ser conhecida como de Francisco de Assis (o discípulo da paz), e esta ficou guardada até o início do século XX, sendo revelada ao mundo em Paris, durante a 1ª Guerra Mundial. Sua popularização cresceu rapidamente não só pela França,



mas também na Itália, Inglaterra. Nunca ninguém, de fato, soube a sua autoria, porque não teria a repercussão e penetração que deveria alcançar e alcançou. Mas, como Deus escreve certo por linhas tortas, por volta de 1920, imprimiu e distribuiu a oração com a imagem de Francisco de Assis em seu verso. Logo esta associação da oração com o santo foi feita e, pela popularidade que Francisco tinha (e ainda tem) entre os devotos de todo o mundo, ela se espalhou. Num século tão conturbado, como foi o século XX, ela foi de extrema importância e continua sendo.



Outro fato é a questão de ao longo dos anos, após inúmeras transcrições e traduções, um verso se perder e deixar de fazer parte da oração. Trata-se do verso *“É esquecendo de mim que eu me encontro”*, que aparecia como o segundo verso da última estrofe. Isso já era de se esperar, pois vivíamos um momento que, infelizmente ainda vivemos, de enaltecimento do ego. Mas, agora chegou a hora da virada, de voltarmos os nossos olhos para o Eu Supremo plenamente integrado a Deus – chegou a hora da regeneração.

Segue, então, a oração que me foi ditada em canalização.

Oh! Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz e sabedoria
Onde houver ódio, que eu possa levar o amor
Onde houver ofensa, que eu desenvolva o perdão
Onde houver discórdia, que eu refaça a união
Onde houver dúvidas, que eu alimente a fé
Onde houver erros, que eu leve o conhecimento da verdade
Onde houver desespero, que eu renove a esperança
Onde houver tristeza, que eu irradie a alegria
Onde houver trevas, que eu mostre o caminho da luz

Oh! Mestre, fazei que eu procure cada vez mais
Consolar o próximo,
do que pedir sempre o Vosso consolo pela minha imaturidade
Compreender as lições da vida,
do que pedir sempre a Vossa compreensão pelas minhas limitações
Amar a Vós, a Vida e a Criação,
do que a estar sempre pedindo o Vosso amor pelas minhas ações

Pois é dando, em oferecimento ao Supremo, que abrimos o canal da Graça Divina e
geramos a oportunidade de recebermos
É esquecendo de mim, este luxurioso ego, que eu me encontro.
É perdendo que acolhemos o ego, partilhamos o perdão e descobrimos a chave das
Infinitas Possibilidades.
Enfim, é permitindo morrer nas intermináveis transformações do ego que
reconhecemos a transitoriedade dos mundos, a imortalidade da vida e a
plenitude do Ser.

Que assim seja!